

# Influência da Lingüística em materiais didáticos para Ensino de Português como língua estrangeira: uma perspectiva brasileira

Francisco Gomes de Matos

fcgm@hotmail.com.br

*Universidade Federal de Pernambuco, Associação Brasil América  
– Recife (Brasil)*

RESUMO. Este artigo avalia diversos materiais didáticos destinados ao ensino do Português Língua Estrangeira (variedade brasileira), focando sua análise crítica na presença de Lingüística em vários manuais.

PALAVRAS-CHAVE. PLE, Lingüística Aplicada.

## 0 – Introdução

Ao ler o título deste capítulo, poderá o(a) leitor(a) fazer-se estas perguntas:

A que tipos de influência referir-se-á o autor e como se manifestam?

Em que espécie de materiais didáticos? Porquê?

Assim, passo a responder a cada uma dessas possíveis indagações, objetivando elevar a informatividade do título.

O estudo da multifacetada influência da Lingüística na Pedagogia do Português Língua Estrangeira (doravante PLE) é de primordial interesse para quem actua em Lingüística Aplicada. Minhas primeiras reflexões a respeito encontram-se em Gomes de Matos (1971) onde apresento seis princípios da Lingüística e formulo as correspondentes implicações pedagógicas. Eis a formulação, ligeiramente adaptada:

<b>Princípio</b>	<b>Implicação pedagógica</b>
Arbitrariedade dos símbolos lingüísticos	Ensinar que cada língua representa a experiência de uma maneira distinta.
Natureza contrastiva da linguagem	Ensinar contrastes entre sons, formas, construções e significados.
Natureza parcialmente inata da linguagem	Desenvolver a criatividade lingüística.
Organização hierárquica da linguagem gramaticais e (níveis fonológico, gramatical e semântico)	Ensinar pronúncia, construções. Vocabulário.
Primazia da linguagem oral	Priorizar-se o ensino da língua falada, com foco na entoação e na intensidade.
Variação	Ensinar o aluno a identificar diferenças entre uso formal e informal.

Meu interesse na influência de princípios da Lingüística levou a uma pesquisa doutoral em Gomes de Matos (1973), baseada em um levantamento internacional em manuais para professores de inglês. Seis princípios foram identificados: Sistematicidade da linguagem, Primazia da língua oral sobre a escrita, Natureza social da linguagem, Variação lingüística, Criatividade lingüística e Universais lingüísticos. Três anos mais tarde, a referida tese de doutoramento seria publicada (Gomes de Matos 1976). Ali, sob forma de Epígrafe, foram incluídos dois comentários de um inspirador artigo de Bolinger (1972), no qual o lingüista americano caracteriza a influência da lingüística no ensino de línguas estrangeiras.

Transcrevo o texto, no original:

Though linguistics has always influenced foreign language teaching, the organized intervention of linguistics is a contemporary phenomenon. The influence has been realized in many ways, but two stand out: the descriptive and pedagogical. Only the first is directly the linguist's business; his influence there has been as good as the advances in his field have permitted.

(Bolinger 1972: 107)

The influence of linguistics has been mostly to the good where an influence has been positively applied, and the sins have been mostly sins of omission. The structuralists neglected the cognitive phase: their successors have talked a lot about cognition but have done next to nothing to supply the lack.

(Bolinger 1972: 120)

Essas palavras de Bolinger podem ajudar na criação de uma tipologia de influência da lingüística no ensino de línguas estrangeiras em geral e do português, em particular. Assim, a influência pode manifestar-se direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, descritiva ou pedagogicamente, positiva ou questionavelmente, organizada ou desorganizadamente, de forma componencial ou pluricomponencial (exemplo: influência da Fonologia, da Morfossintaxe, lexicogramatical, etc). A estas dicotomias, úteis para elaborar-se Checklists sobre a influência da Lingüística em materiais didáticos, acrescentaria: influência conceitual-terminológica extensa ou limitada, monodisciplinar ou multidisciplinar. Para exemplos de usos desta última categoria na avaliação de material didático – para ensino de português como língua materna – cf. Gomes de Matos & Carvalho 1984: 34-43). Empenhado em sugerir outros princípios para a Lingüística, propus dois acréscimos às enumerações anteriores: o princípio da natureza cognitiva da linguagem e o princípio da natureza humanizadora da linguagem (Gomes de Matos 1999: 106). Assim postulei a inclusão desses dois princípios:

If I were to update the enumeration of principles of linguistics, thus characterizing the state of the art in 80s and 90s, two more principles would be added: The cognitive nature of language and the **humanizing** nature of Language. The former was expressed by Bolinger and Sears (1982:2) as Language is thought and activity, while the latter has usually been formulated in terms of Language as a human faculty (cf. Beaugrande, 1991: 123). The fact is, however, that by stating that language is human, we do not do full justice to another distinguishing trait of language – and of language acquisition and learning – its humanizing power. This insight has remained implicit in the literature of linguistics and language teaching (cf. Richards et al, 1992; Crystal, 1992). While a case has been cogently made for language as being embedded in cognition (Langacker, 1987), the humanizing force of language has not been made explicit, especially when language teaching and learning is seen from a humanistic perspective.

(Gomes de Matos 1999: 106)

Embora se possa argumentar que a idéia da linguagem como um sistema cognitivo não é algo novo no pensamento dos lingüistas contemporâneos, pois tem sido percebida como “uma capacidade cognitiva distinta das outras” (cf. Trask 2004: 105), a idéia de que a linguagem é humanizadora o é. Aliás, recorro às minhas primeiras antecipações a respeito: no verbete “Lingüística Humana/Humanística”, em meu Posfácio ao *Dicionário de Lingüística e Gramática* de J. Mattoso Câmara Jr. (Gomes de Matos 1977: 258), fiz esta indagação: “Como podem os falantes humanizar-se ainda mais lingüisticamente?” (Gomes de Matos 1977: 258). Nessa reflexão, embrionário estava o princípio da linguagem como sistema humanizador. A propósito, no ano anterior usei o verbo **humanizar**, no parágrafo final de Gomes de Matos (1976: 103):

A Lingüística Aplicada ao Ensino de Inglês (e de outras línguas, acrescentaria hoje), deve ser uma atividade profissional centrada no aprimoramento da empatia comunicativa do aluno, que se **humaniza** ao aprender o inglês e outras línguas estrangeiras.

(Gomes de Matos 1976:103)

Ao participar, como Consultor, da equipe responsável pelo volume sobre Língua Estrangeira, no Projeto Parâmetros Curriculares Nacionais (Celani & Moita Lopes 1998), dei-me conta de que igualmente indispensável seria incluir a natureza interativa da linguagem, ou como aqueles lingüistas aplicados preferem identificar, “A natureza interacional da linguagem”, de que decorreria esta implicação pedagógica: “Ensinar o aluno a aprender uma variedade de padrões interacionais diferentes dos que teve acesso” (Celani & Moita Lopes 1998: 28).

Após essas considerações introdutórias sobre princípios da lingüística e sua possível influência no ensino de línguas, particularmente, de português como língua estrangeira ou, se optar-se por uma designação bem motivada geopoliticolinguisticamente, como Português língua internacional ou mundial (cf. o recente Ponto de Encontro. Portuguese as a World Language – Klobucka, Jouët-Pastré, Sobral, Moreira & Hutchinson 2007), sem pretender esgotar o assunto – mereceria um tratamento aprofundado, interdisciplinar – passo a caracterizar o que entendo por material didático, para os fins deste artigo. Conceito-termo de enorme abrangência, *material*

*didático* pode referir-se a múltiplos tipos de criação essencialmente pedagógica, mas, na verdade, de natureza pluri e interdisciplinar. Basta trabalhar-se na área de avaliação desses recursos para constatar sua natureza multifacetada. Em Gomes de Matos & Carvalho (1984: 39-43), apresenta-se um exemplo de Lista avaliativa baseada em 9 áreas: Antropologia, Artes, Ecologia, Educação, Lingüística, Literatura, Metodologia do Ensino de Língua Materna, Política e Psicologia. Aos interessados em avaliação interdisciplinar de MD destinado à aprendizagem de línguas, consulte-se Gomes de Matos (1992: 23), em que acrescento duas áreas à lista de 1984: Educação para a Paz e Comunicação Intercultural. Para os objetivos deste artigo, opto por uma caracterização mais restrita de MD para Ensino de PLE: livros para o aluno, Livro do Professor e Gramática para auto-aprendizagem.

Assim, a primeira categoria de MD estará representada pelos livros *Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação*, de Florissi, De Ponce & Andrade Burim (1999), e *Interagindo em Português*, de Henriques & Grannier (2001). Para a segunda espécie de MD, escolhi *Via Brasil/Livro do Professor* (Lima, Pereira, Ribeiro & Soares 1994) e, para o terceiro tipo de MD, *Gramática de Português como Língua Estrangeira*, de Masip (2000). Esses três tipos de criação pedagógico-lingüística foram publicados nos últimos 13 anos, podendo e considerados recentes. Fosse nosso objetivo traçar um panorama do desenvolvimento da influência da Lingüística no Ensino de PLE no Brasil e teríamos recuado temporalmente ao final da década de 70, quando surgiu um MD influenciado pela Sociolingüística (Biaziolli & Gomes de Matos 1978), no qual são aplicados os conceitos de registro e de polidez, em práticas centradas nos contínuos da formalidade e da polidez. No referido material, também inovou-se, com a aplicação do conceito de empatia comunicativa, trabalhado em exercícios que desafiavam os alunos a identificarem graus de empatia em enunciados.

A seguir, inicio o estudo específico da influência da Lingüística nos tipos de MD selecionados. Para isso, aplicarei três tipos de Checklist, elaborados para sistematizar a apreciação crítica dos MD.

Checklist (I) para avaliar-se influência da Lingüística em Livros do Aluno. Perguntas-chave:

1 - Qual a concepção do(s) autor(es) sobre Linguagem e Língua portuguesa?

Está explícita ou implícita?

2 - Faz-se menção à Lingüística, na parte introdutória ou na Bibliografia?

3 - Há conceitos-terminos/expressões da Lingüística?

4 - Caracteriza-se/identifica-se o MD por vocabulário referente a propriedades ou traços da linguagem/das línguas?

5 - Trabalha-se algum dos princípios da Lingüística? Como?

Toda Checklist, seja mono, pluri ou interdisciplinar, pode ser ampliada e aprofundada: cabe aos leitores adequar a enumeração ao contexto educacional em que atuam como professores de PLE. Assim, poderá ser reveladora de alguma influência da Lingüística a análise dos verbos usados nas instruções dadas aos alunos para execução de atividades/exercícios/práticas/tarefas propostas pelos autores do MD. Expressões como “criar”, “integrar” (frases, textos), “adequar” (variantes contextualmente), “traduzir intralingüisticamente/interdiscursivamente/inter-gêneros” parecem ainda não ter ganho seu lugar ao sol em MD para ensino de línguas em geral. Aliás, um verbo ainda invisível do discurso pedagógico é **humanizar**. Paradoxalmente, embora se pressuponha o ensinar línguas como um processo eminentemente **humanizador**, a orientação do tipo **humanize** sua frase/seu parágrafo/seu texto está ausente de criações pedagógicas na área de PLE e, possivelmente, Português Língua Materna. Isto poderá refletir a não-conscientização de que ensinar línguas é exercer o papel de **humanizador(a)**: profissional imbuído(a) dos ideais de dignidade, direitos humanos, justiça e paz, compreensão intercultural e que aplica esses valores em sala de aula. Para uma perspectiva sobre Humanização Pedagógica, cf. Gomes de Matos (2002).

Antes de aplicar a primeira Checklist, lembraria uma pergunta-chave que deveria preceder quaisquer outras indagações, pois tem a ver com a dimensão humana: quem é(são) o(s) autor(es)? Qual sua formação? São também lingüistas, além de professores de PLE? O conhecimento desses dados biográficos é indispensável para que, ao analisar-se alguns aspectos da influência da Lingüística em MD, não haja expectativas inadequadas ou injustas. Assim, autores que não tiveram formação em Lingüística (quer através de Curso de Especialização, quer por meio de um Mestrado ou Doutorado) dificilmente buscaram inspiração maior nos princípios, conceitos-chave ou resultados de pesquisas da Lingüística.

Aplicação do Checklist (I) ao Livro do Aluno(LA) *MD:Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação* (Florissi, De Ponce & Burim 1999).

As autoras são professoras de PLE, e não lingüistas.

Respostas à perguntas-chave :

1. O conceito-termo Linguagem não é mencionado ou discutido no LA. Significativamente, Língua Portuguesa aparece no subtítulo do livro. Também significativo é o fato de a Unidade 8 (“O País e o Idioma”) oferecer um texto ilustrado sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e gravações (CD) de “Canções em português pelo mundo”. Depreende-se assim que, para os autores, Língua Portuguesa é um sistema comunicativo, integrado em e integrador de cultura(s).

2. Não se faz menção à Lingüística no LA.

3. O termo “coloquial” ocorre na Apresentação, em uma explicação sobre Abreviações (“uso coloquial”, p. 104), e na questionável locução “língua culta”, p. 152. Neste último exemplo, este articulista prefere usar terminologia mais precisa – “uso escrito/falado formal” – e evitar o adjetivo “culto”, por não poder ser disposto em um contínuo, como ocorre com formalidade ou polidez.

4. O livro é caracterizado como “interativo” (Apresentação). Na Unidade 12, os autores dizem aos usuários do LA: “Agora, use sua criatividade ...”. Na Unidade 18, em um tom cooperativo, os autores convidam os leitores: “Agora vamos criar um folheto informativo para uma agência de viagens...” (p. 176).

Louve-se o uso do verbo **criar**, tão infrequente em práticas pedagógicas propostas em MD. A criatividade lingüística dos usuários de línguas em geral e, no caso, dos que aprendem o PLE bem mereceria atenção sistemática – Bancos de Dados? – pelos pesquisadores em universidades e outras instituições. Que usos criativos de PLE estarão documentados? Onde? Para que fins? Eis um desafio à criatividade investigativa de colegas que se empenham em saber honrar a Língua Portuguesa e seu ensino a usuários de outros idiomas.

5. O princípio da Variação. Assim, há uma prática centrada em variantes frasais para uso em um restaurante (p. 71) e uma atividade de tradução de vocabulário português para vocabulário brasileiro (p. 77).

Além do uso de Checklists, pode-se recorrer a uma breve entrevista com os autores, via comunicação eletrônica. Fiz essa opção com referência ao MD *Interagindo em Português*, das lingüistas aplicadas-professoras Henriques e Grannier. Assim, indaguei às referidas autoras se concordariam com esta afirmação: “Os princípios da Lingüística que influenciaram seu livro foram Interação, Variação e Natureza Cognitiva da Linguagem?”. Eis a resposta de Grannier (22/03/2007): “Quanto à sua pergunta, acho que os três componentes *Interação, Variação e Natureza cognitiva da linguagem* influenciaram mais ou menos igualmente a elaboração do livro”. Acrescenta que “Há um aspecto que esteve presente também, que é o conhecimento científico da língua portuguesa efetivamente falada no Brasil – que em parte refere-se à variação, mas não só e foi complementado por um conhecimento contrastivo principalmente do português-inglês e português-francês. Além disso, um forte componente foi o conhecimento de questões interculturais (sobre os povos correspondentes a essas duas línguas, além dos japoneses) e uma preocupação em apresentar conteúdos (inclusive fotos ) representativos da cultura brasileira”.



A mesma pergunta-chave foi encaminhada a Henriques, que optou por gentilmente partilhar por e-mail um texto ainda inédito: *O livro didático e a pesquisa*, estruturado em cinco partes (“Relação sobre livro didático e pesquisa”, “Concepção de linguagem”, “Relação entre língua e cultura”, “Conclusão” e “Bibliografia”). Na primeira parte, Henriques afirma que “o bom livro didático é resultado de experiência e observação, coleta/análise de dados e aplicação”. Sustenta, outrossim, que “Sem pesquisa e sem teoria não se faz um bom livro didático” e que “para se elaborar um bom livro didático é necessário desenvolver, antes, uma ou várias pesquisas, que irão formar a base teórica do livro, norteadora do trabalho do/a autor/a” (p. 1). Na segunda parte, Henriques partilha sua convicção de que “O/a autor/a de um livro didático, na área de línguas, revela sua concepção de linguagem a partir das atividades propostas”. Mais adiante, chama atenção para o que chama de “descompasso entre afirmações e a concepção de linguagem de autores e o tratamento que se dá, nas atividades do livro”. Essa perspicaz advertência bem poderia ser incluída em um Checklist avaliativo: Há descompasso entre o que se prega e o que se pratica? Sobre a concepção de linguagem em “Interagindo em Português”, diz Henriques: “A concepção de linguagem, subjacente às atividades do livro, é que, em língua estrangeira e segunda língua, a língua é usada para interagir (com especial atenção à situação de comunicação, à menor ou maior formalidade da situação, ao grau de intimidade entre os participantes) e para ler/interpretar (com ênfase na organização textual, na inferência e no ponto de vista”, p. 5). Ao tratar da Variação, comenta Henriques que, no MD citado, um tipo de exercício foi reescrito várias vezes. Trata-se de **Tanto faz?**. Esclarece que “as reescritas foram refinando o exercício até que a ênfase passou a ser na variação. As frases, escritas em registro formal ou informal, com sentido igual ou semelhantes, podem ser usadas como alternativas àquelas do diálogo. Por exemplo, no diálogo aparece *Como é seu nome?* e, nas variações, *Como é (o) seu nome?*, *Qual é o seu nome?*, *Como você (se) chama?* e *Seu nome é?*. Desta forma, o aprendiz tem a chance de escolher, com base no seu modo de ser (mais para liberal ou mais para conservador), sua faixa etária, o tipo de interação (com pessoas de sua idade ou com pessoas mais velhas), a situação (formal, semi-formal ou informal). O

aprendiz é, desde cedo, sensibilizado para o contexto da interação, podendo optar por uma forma mais coloquial ou mais formal.". Na conclusão de seu inspirador texto, Henriques assim caracteriza o foco primordial do livro: "A ênfase está na troca de idéias, na comunicação intercultural e no desenvolvimento da competência interpretativa dos aprendizes".

### **Influência da Lingüística em um Manual para Professores : um exemplo**

Selecionei o Livro do Professor que acompanha *Português . Via Brasil. Um Curso Avançado para Estrangeiros*, de Lima, Pereira, Ribeiro & Soares (1994). A influência da Lingüística se manifesta pela inclusão, em cada uma das 10 unidades, de uma seção centrada em Linguagem Coloquial e de outra sobre Linguagem Formal. Assim, nesse manual, apresenta-se listas de vocabulário coloquial devidamente explicado (p.12), ou sugere-se atividades desafiadoras, como esta: "Reproduza o conteúdo do texto com suas próprias palavras. Sublinhe as expressões idiomáticas, explique-as e faça frases com elas" (p. 41). A paráfrase ou quase-sinonímia frasal é objeto de uma atividade assim apresentada: "Diga de outro modo, sem mudar o sentido da frase " (p. 41). Interessante observar que as autoras optam por Linguagem Coloquial, em vez de Linguagem Informal (falada/escrita).

O conceito-termo "coloquial" parece estar perdendo terreno, pelo menos em MD criados por lingüistas aplicados, como é o caso de *Interagindo em Português. Um olhar sobre uma Gramática de PLE*. O volume, de autoria de Massip (2000), é descritivo-pedagógico e de referência. Assim, na primeira parte o autor descreve aspectos da fonologia e da ortografia do português; na segunda, aborda a morfossintaxe; e na terceira apresenta anexos sobre simbologia fonológico-fonética portuguesa, a questão ortográfica, as Bases do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, as gramáticas tradicionais, a intuição gerativa chomskiana, a linha morfossintática seguida pela obra (ecléctica: estruturalista funcional/formalista), um glossário, índice de matérias e bibliografia. A gramática contém mais de 500 exercícios.

Na bibliografia, estão incluídas várias contribuições de lingüistas brasileiros, portugueses, britânicos, americanos, espanhóis e franceses. Como sou prefaciador dessa gramática, transcrevo dois comentários ali feitos: “Que competências profissionais devem ter professores de Português para usuários de outras línguas? A meu ver, quatro, interdependentes e igualmente importantes: lingüística, pedagógica, intercultural e humanizadora (baseada em Direitos Humanos e na Paz)”;

“Vicente Masip, ao compartilhar com professores e alunos adiantados, conhecimentos sistematizados de aspectos fonológicos, ortográficos e morfossintáticos do Português – com atenção à variedade brasileira – presta um relevante serviço à área de crescente e estratégica importância para a internacionalização da língua portuguesa “ (p. 9).

Ao concluir este artigo, espero ter despertado o interesse de pesquisadores que atuam na área da Lingüística Aplicada ao Ensino-Aprendizagem de PLE, para a dimensão desafiadora dos Estudos sobre Avaliação de Materiais Didáticos, principalmente no que concerne às influências da Lingüística (e, convém lembrar, de outras ciências e artes) na criação desses instrumentos complexos, cada vez mais, fruto de trabalho de equipe diversificada, desde o ensino em sala de aula (e também desejável, à distância, por meio de interação eletrônica) até o aprofundamento dos usos da Lingüística (por exemplo, em Lingüística de Corpus, o conceito de frequência de uso), para a formação de usuários de Português como idioma de alcance, difusão e uso internacionais.

Um apelo adicional: que pesquisadores busquem, na interdisciplinaridade, novas formas de avaliar MD, contribuindo, assim, ao desenvolvimento da história do ensino da língua que nos confere uma identidade lingüístico-cultural e que, por isso, temos o dever de saber honrar, como usuários leigos ou profissionais.

## REFERÊNCIAS

- Beaugrande, R. de. 1991. *Linguistic Theory. The Discourse of Fundamental Works*. Harlow: Longman.
- Biazioli, S.; Gomes de Matos, F. 1978. *Português do Brasil para Estrangeiros. Conversação, Cultura e Criatividade*. 2 volumes. São Paulo: Difusão Nacional do Livro.

- Bolinger, D. 1972. The influence of Linguistics: plus or minus. *Tesol Quarterly* **6(2)**: 107-121.
- Bolinger, D.; Sears, D. 1982. *Aspects of Language*. New York: Harcourt Brace (3<sup>rd</sup> ed).
- Camara, J. Mattoso. 1977. *Dicionário de Lingüística e Gramática. Referente à Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes (25<sup>a</sup>. ed).
- Celani, M. A. A; Moita Lopes, L. P. 1998. *Língua Estrangeira. 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup> séries. Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília DF: Secretaria de Educação Fundamental.
- Crystal, D. 1992. *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*. Oxford: Blackwell.
- Florissi, S.; De Ponce, M. H. O; Burim, S. R. B. A. 1999. *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. São Paulo: Special Book Services.
- Gomes de Matos, F. 1971. A Lingüística e o Ensino de Português como Língua Estrangeira. In: L. A. de Azevedo Filho (Org.). *II Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa/Artes Gráficas, 49-58.
- Gomes de Matos, F. 1973. *A influência de princípios da Lingüística em manuais para professores de inglês*. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Gomes de Matos, F. 1976. *Lingüística Aplicada ao Ensino de Inglês*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Gomes de Matos, F. 1977. Pós-fácio. In: J. Mattoso Camara Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 253-266.
- Gomes de Matos, F.; Carvalho, N. 1984. *Como avaliar um livro didático*. São Paulo: Pioneira.
- Gomes de Matos, F. 1992. Evaluating language teaching textbooks: an interdisciplinary approach. In: A. Helbo (Ed.). *Evaluation and Language Teaching. Essays in Honor of Frans Van Passel*. Bern: Peter Lang, 19-25.
- Gomes de Matos, F. 1999. A Thesis 20 years on: Principles of Linguistics and the Theory-Praxis of the Rights of Language Learners. In: L. Barbara; M. Scott (Eds.). *Reflections on Language Learning. In Honour of Antonieta Celani*. Clevedon: Multilingual Matters, 105-121.
- Gomes de Matos, F. 2002. *Comunicar para o Bem. Rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Editora Ave Maria.
- Henriques, E. R.; Grannier, D. M. 2001. *Interagindo em Português. Textos e Visões do Brasil*. 2 volumes. Brasília DF: Thesaurus.
- Henriques, E. R. 2001. *O livro didático e a pesquisa*. Texto inédito. Disponibilizado eletronicamente, 35 pp.
- Klobucka, A.; Jouët-Pastré, C.; Sobral, P. I.; Moreira, M. L. B.; Hutchinson, A. 2007. *Ponto de Encontro. Portuguese as a World Language*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Langacker, R. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

- Lima, E. E. O. F.; Pereira, M. I.; Ribeiro, M. C. M. R. B; Soares, S. M. 1994. *Via Brasil. Português. Um Curso Avançado para Estrangeiros. Livro do Professor e de Respostas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
- Masip, V. 2000. *Gramática de Português como Língua Estrangeira. Fonologia, Ortografia e Morfossintaxe*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
- Richards, J. C.; Platt, J.; Platt, H. 1992. *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. Harlow: Longman.
- Trask, R. L. 2004. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. São Paulo: Contexto. [Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari].